

DILEMAS ENTRE A CULTURA E A CIÊNCIA

Elise Mazon Albejante (Departamento de Educação, Instituto de Biociências, UNESP - Rio Claro, SP); Célia Regina Rossi (Departamento de Educação, Instituto de Biociências, UNESP - Rio Claro, SP).

Eixo Temático 7: Dimensão Cultural na Formação de Professores

A aldeia onde a pesquisa foi realizada se localiza dentro da Amazônia Legal, no estado de Rondônia. Nela moram indígenas de sete etnias diferentes, sendo que a pesquisa terá como foco a etnia mais representativa desta Terra Indígena. Entretanto, o nome da mesma não será revelado neste trabalho, por um acordo feito entre a pesquisadora e os indígenas do local.

Esta etnia tem como região de origem as proximidades da margem direita do rio Pacaás Novos, sendo que os mesmos foram avistados no início do século XX, pelos não indígenas da região, os quais, em sua maioria, extraíam látex das seringueiras que eram abundantes neste local.

Entretanto, foi no segundo “boom” da borracha que houve uma maior exploração da região onde eles habitavam. Naquele momento, os conflitos entre indígenas e seringueiros/seringalistas eram constantes. Foi por volta de 1956 e 1960 que o SPI¹ (antiga FUNAI²) juntamente com a MNTB³ e a Igreja católica da cidade mais próxima se mobilizaram para algumas expedições com o intuito de um contato pacífico.

Estes episódios se iniciaram principalmente por causa da pressão que os moradores da cidade (parentes dos seringueiros e seringalistas) fizeram em cima dos órgãos competentes, pois as mortes eram constantes e, caso este contato pacífico não acontecesse, seringueiros e seringalistas partiriam para ataques mais violentos, com intuito de dizimar a população indígena.

Muitos desses massacres aconteceram, mas a situação amenizou após todo o processo dito “pacificação”, por volta de 1960.

Desde o contato pacífico, a necessidade do conhecimento advindo da sociedade não-indígena se tornou cada vez maior, porque agora eles não mais estão isolados em seus habitats. Ao contrário, suas áreas estão cada vez mais restritas e com maior influência da cultura exterior, isto é, a cultura dos não indígenas. Com isso, a presença de uma escola passou a ser algo imprescindível para esta parte da população.

Entretanto, com a inserção destas escolas nas aldeias, surgiram algumas problemáticas, dentre elas o presente estudo dará maior ênfase ao papel do professor, seu conhecimento da cultura local e as contradições existentes entre a ciência e os

saberes tradicionais.

Como metodologia do trabalho, a pesquisa se pautou em entrevistas semi-estruturadas com um casal de adultos e seis jovens. Essas pessoas foram escolhidas, juntamente com as lideranças locais, de tal forma que as respostas tivessem uma maior área de abrangência no que tange a diversidade de comportamentos e culturas de clãs familiares.

Além dessas entrevistas, a pesquisadora também se utilizou da observação participante por três meses. Tal abordagem metodológica permitiu a vivência da cultura por parte da pesquisadora, de forma há possibilitar um conhecimento mais desmistificado, desconstruindo assim a visão influenciada da pesquisadora trazida de sua própria cultura.

Aprender a pensar, aprender o olhar-pensante não é somar conhecimentos já internalizados, apropriados. Mas é estabelecer relações entre semelhanças e diferenças. E para isso, uma “forma” do pensar ou do olhar não tem serventia. A minha forma se exercita, se instrumentaliza na quebra das amarras de um olhar comum, na procura consciente da própria forma de olhar, no exercício de buscar ângulos novos, na construção de relações. É um olhar de pensamento divergente. (MARTINS, 2003).

Após a permanência da pesquisadora na aldeia, percebeu-se que existem inúmeras crenças culturais que divergem do pensamento cientista. Isto exige um conhecimento prévio dos educadores com relação à cultura com a qual irá trabalhar.

Saberes Tradicionais *versus* Ciência

Dentre os saberes encontrados que não se assemelham aos saberes da ciência, pode-se observar na **Tabela 1**.

Tabela 1: Saberes Populares Tradicionais

Assunto	Saber Popular	Explicação
Restrição Alimentar	Restrição tanto para os pais quanto para os filhos	Quando há a troca de fluidos corporais, o homem, a mulher e o filho passam a ter o “mesmo corpo”
Amamentação	Enquanto amamenta não pode ter relação sexual	Este ato causa diarreia no bebê que é amamentado
Espiritualidade	Importância do fogo	Purifica o mal
Espiritualidade	Anta se transforma em parente já falecido	Para enganar a vítima, atraindo-a e matando-a

Espiritualidade	Onça se transforma em parente já falecido	Para enganar a vítima, atraindo-a e matando-a
Espiritualidade	Os finados voltam para a terra na forma de queixada	Para encontrar com seus parentes
Tabus Alimentares na gravidez	Alencor (ave)	Para o bebê não chorar muito
Tabus Alimentares na gravidez	Cascudo	Para a criança não respirar pela boca
Tabus Alimentares na gravidez	Cotia	Sem explicação
Tabus Alimentares na gravidez	Gato Marajá	Para não correr risco do bebê nascer morto
Tabus Alimentares na gravidez	Gavião	Para não correr risco do bebê nascer morto
Tabus Alimentares na gravidez	Ovo de gaivota	Para o bebê não chorar muito
Tabus Alimentares na gravidez	Paca	Sem explicação
Tabus Alimentares na gravidez	Quati	Causa tontura na criança
Tabus Alimentares na gravidez	Saracura	Para o bebê não chorar muito
Cuidados Culturais	Deve esperar a comida esfriar antes de comer	Para não estragar os dentes
Cuidados Culturais	Os homens devem se banhar após a caçada, de preferência passar o urucum	Para não ficar com o cheiro de sangue e ser atacado pela onça
Cuidados Culturais	Não ter relação sexual antes de sair para o mato	Para não ser picado por cobra
Menstruação	Acreditava-se que era um sinal de perda da virgindade	Sem explicação
Menstruação	Não pode ter relação sexual neste período	Por um respeito à mulher
Menstruação	Não pode andar no mato	Para não atrair a onça
Menstruação	Não pode sentar na cadeira quente, onde o sol bate	Para não ter cólica
Menstruação	Não pode carregar peso	Sem explicação
Pajé	Olha as caças e retira objetos que prejudicam a saúde das pessoas	Para que as pessoas que irão ingeri-la não fiquem doentes
Pajé	Conversa com os finados	Por ter um espírito mais forte
Pajé	Joga fora os espíritos maus	Por ter um espírito mais forte
Formação do feto	Acúmulo de espermas	Para que o bebê não nascesse fraco

Pintura Corporal	Nas crianças são feitas apenas linhas retas/longitudinais e uma pulseira no pulso	Para que elas não parem de crescer
------------------	---	------------------------------------

Quando estes saberes tradicionais, apontados na **Tabela 1**, são buscados em estudos científicos como comprovados, muito pouco ou nada se encontra. Isto porque há uma dicotomia entre estas duas visões. Em uma visão, a preocupação com a experimentação e sua comprovação nos moldes programados provoca uma sistematização nos processos, os quais, nem sempre, ocorrem verossimilmente na prática. Na outra, o que estrutura estes saberes são as experiências dos mais velhos, os quais nem sempre viveram tais atividades, porém, foram ensinados por meio de história oral e por seus antecedentes constituindo essas crenças hereditariamente.

Dentre estas crenças serão aprofundados os seguintes exemplos: a menstruação como sinal da perda de virgindade; a formação do feto após diversas relações sexuais (com o acúmulo do esperma); e alguns tabus alimentares.

Hoje sabe-se que a virgindade é tratada como tal pela presença do hímen no canal vaginal da mulher. Quando há a sua ruptura, que geralmente acontece em sua primeira relação sexual com penetração pode haver ou não um sangramento; dependendo do tipo de hímen que esta mulher tem.

Na cultura estudada, havia uma confusão entre este sangramento tratado acima e a primeira menstruação. Caso não houvesse um sangramento após o acordo nupcial, o homem poderia devolver a menina aos pais da mesma ou então provocaria uma briga generalizada, muitas vezes com a utilização de bordunas⁴, mas depois continuaria com sua recente companheira.

Outra possibilidade era da menina ficar menstruada antes do casamento. Neste caso havia uma preocupação muito grande por parte dos pais, que se sentiam como irresponsáveis por não terem cuidado bem de sua filha.

A crença de que o sangramento da menstruação é correspondente ao sangramento da perda de virgindade ainda é observado hoje na aldeia, porém de forma muito tímida. A maioria sabe diferenciar tais fatos. Além disso, atualmente não há a exigência da mulher se casar virgem, portanto a presença ou ausência do sangramento deixou de ser relevante nos matrimônios modernos.

Outro fato curioso diz respeito à formação do feto. Tal crença é mais forte entre as mulheres. Ela consiste em que o bebê só nascerá forte e saudável se houver várias relações sexuais durante a gestação. No passado, quando os homens passavam meses fora no mato caçando e/ou em expedições guerreiras, a mulher tinha relações sexuais

com outros homens. Entretanto, seu parceiro oficial não tinha ciência disso.

Atualmente, algumas mulheres ainda trazem consigo esta crença, porém o mesmo não pode ser notado nas mulheres jovens. Talvez isso ocorra por elas ainda não terem uma vida conjugal, nem filhos ou porque este saber deixou de ter valia para a cultura.

Em contrapartida, a crença em tabus alimentares é bastante presente na aldeia. Essas restrições se dão principalmente quando a mulher está grávida. Neste caso, tanto ela quanto o pai da criança aderem tal comportamento. Isto porque eles acreditam que com as trocas de fluidos corporais, realizadas nas relações sexuais, os corpos se conectam de tal forma que passa a ser um; no sentido de que há a circulação de esperma e lubrificações no ato sexual.

Um fato curioso é que esta unificação de corpos se estende aos filhos do casal; com isso, se o pajé diz que uma criança não pode comer determinado alimento, os pais da mesma também não poderão comê-lo.

Apesar desta restrição pontuada acima, existem algumas restrições mais abrangentes para o período de gravidez do casal; os mesmos foram listados na **Tabela 1** com seus respectivos efeitos.

Cotidiano do professor ou da professora não indígena na aldeia

Diante destas divergências teóricas, os professores e professoras que trabalham em escolas indígenas necessitam de uma formação prévia para não cometer equívocos diante destas e outras situações. O conhecimento básico com relação à cultura na qual ele irá trabalhar torna-se fundamental para o profissional da área de educação.

Outro fator interessante e que auxiliaria o professor e professora neste sentido seria a construção do conteúdo com os alunos envolvidos.

Para Paulo Freire, o conhecimento é construído de forma integradora e interativa. Não é algo pronto a ser apenas "apropriado" ou "socializado", como sustenta a pedagogia dos conteúdos. Por isso, essa pedagogia sustenta, até hoje, a necessidade da memorização. Conhecer é descobrir e construir e não copiar. Na busca do conhecimento, Paulo Freire aproxima o estético, o epistemológico e o social. Para ele é preciso reinventar um conhecimento que tenha "feições de beleza". (Gadotti, 1997).

Com isso, o risco de se desconstruir todo o conhecimento tradicional, ignorando-o, passa para um viés de transformação do conteúdo em algo mais concreto para os atores do ensino-aprendizagem. Neste caso, além dos alunos compreenderem a conteúdo em sua lógica cultural, o(a) professor(a) passa a compreender a cultural na

qual está profissionalmente inserido(a), desconstruindo as certezas trazidas com ele(a).

Entretanto, ainda assim o(a) professor(a) não indígena tem um olhar limitado com relação a esta nova cultura. Isto porque, por mais que ele(a) se motive para uma reconstrução de sua visão de mundo, ampliando seu olhar, o sujeito trás consigo intrinsecamente a impregnação de sua cultura de origem.

Tal fato evidencia a importância da formação de professores indígenas para um maior suporte a escola local. Com isso, os alunos destas escolas teriam a formação nos Ensinos Fundamental e Médio com professores conhecedores da tradição indígena local e dos conceitos a serem trabalhados, de forma a aliá-los em uma nova construção.

Cabe aqui salientar uma medida tomada pelos indígenas da aldeia estudada. Eles inseriram no currículo escolar local uma disciplina sobre mitos de sua cultura. Tal disciplina é dada por um professor indígena da cultura vigente. Ele, de forma perspicaz, faz com os mitos e crenças de sua cultura não se percam por entre os moldes científicos adotados no ensino das escolas indígenas.

Novas maneiras de olhar, de organizar, de atuar, enfim de ser professor, unindo a cultura local com a científica, esta vindo de longe, mas olhando com cuidado e atenção para aquela trazida pela história oral, rica de conhecimentos, dos indígenas desta etnia.

Caminhos continuam a ser abertos, indígenas entrando na universidade, dialogo entre não indígenas e indígenas, respeito às diferenças, enfim, uma reconstrução de possibilidades no olhar para culturas tão distintas da nossa, mas tão importantes, para a leitura que fazemos do mundo que está por vir.

Notas

1. SPI, Serviço de Proteção ao Índio.
2. FUNAI, Fundação Nacional do Índio.
3. MNTB, Missões Novas Tribos do Brasil.
4. Borduna, segundo Cordeiro (2005, p.43), “assemelha-se a um cajado e são destinadas à proteção, tanto física quanto espiritual”.

Referências Bibliográficas

CATHEU, G. & col. **Panewa Especial**. Conselho Indigenista Missionário –Regional Rondônia, Porto Velho, 2002.

CORDEIRO, E.J.D. **Cara de Índio: Uma Tradução da cultura Kambiwá.** Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

GADOTTI, M. **Lições de Freire.** Revista da Faculdade de Educação, v. 23, São Paulo, 1997.

MARTINS, M. C. O sensível Olhar- pensante. In: FREIRE, M. **Observação, Registro, Reflexão: instrumentos metodológicos I.** Série Seminários: 3º ed. PND – Produções Gráficas Ltda, SP, 2003.

VILAÇA, A. **Quem Somos Nós? Os Wari' encontram os brancos.** Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.